

NO TEMPO EM QUE OS ANIMAIS FALAVAM...

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



No tempo em que os animais falavam nem calculam a confusão que era! Os lobos imitavam a voz dos homens, os homens imitavam a voz dos lobos, os cães imitavam a voz dos donos, os gatos imitavam a voz dos cães, os ratos imitavam a voz dos gatos e a raposa, do lado de fora das redes da capoeira, imitava a voz das galinhas..

Como, no fim de contas, ninguém tirava vantagens desta situação, porque se está mesmo a ver que a fala dos bichos só servia para eles se enganarem uns aos outros, o leão, que já nessa altura era o rei dos animais, convocou uma grande assembleia para a cerca do seu palácio.

Vieram todos os bichos da Terra, do elefante às formigas, que também falavam, mas sempre em coro, e

todos os bichos do ar, do abutre ao noitibó, que era um passarinho de poucas falas. Bichos da água não veio nenhum, por causa da distância e da incomodidade da viagem, mas fizeram-se representar por uns tais que andam cá e lá, ora na água ora em terra – os anfíbios.

O discurso do leão, por ser muito grande, não cabe aqui. Digamos, em resumo, o que ele propunha. Propunha que cada um passasse a falar para si e, quando fosse o caso de meter conversa com outros bichos de famílias diferentes, que se entendesse por sinais. Quanto à nova voz atribuída a cada animal que se informassem junto do corvo. Ele é que sabia. Ele é que ensinava. Ele é que adestrava os patos a grasnar, os cães a ladrar, os pombos a arrulhar, os elefantes a bramir e por aí adiante.

Discursava muito bem o leão, lá isso discursava, e até é pena que, depois disto, só passasse a rugir. Perdeu-se um grande orador.

Toda a bicharada aplaudiu as palavras do rei, palavras que eram ordens.

A assembleia desfez-se e a bicharada em bicha foi saber do corvo qual a voz que lhe tinha sido atribuída.

– Tu cricilas – dizia o corvo ao grilo. – Assim: "Cri-cri-cri".

– Tu grunhes – dizia o corvo ao porco. – Assim: "Rum-rum-rum".

E por aí fora.

Depois, foi cada um para seu lado, à sua vida, a ensaiar a nova voz. Era uma chinfrineira de estremecer a Terra.

Num esvoaçar assarapantado, apareceu o papagaio, quando o ajuntamento se dispersava. Não dera conta das horas, deixara-se ficar a dormir e o resultado estava ali –

chegava à reunião, enquanto os outros se iam.

– O que se passou? O que ficou decidido? – perguntava ele à esquerda e à direita.

Latidos, mios, cacarejos, guinchos, grasnidos, uivos, balidos, berros, pios, chiados, zumbidos, assobios, bramidos, roncoss, arrulhos, regougos foi o que o papagaio ouviu.

– Ai a minha cabeça – queixou-se ele. – Não entendo patavina!

Na clareira, defronte do palácio real, só ficara o burro, de orelhas caídas.

– Senhor burro, explique-me por favor o que se passa – pediu o papagaio. – Só cheguei agora e não consigo perceber nada.

– Nem eu. Nada! Nada! – zurrou o burro. – Iam! Iam! Uns podem falar outros não. Iam! Iam! A mim calhou-me esta voz... Iam! Iam!

E foi-se embora, num trote atarantado.

Atarantado também ficou o papagaio. Ao longo, ecoavam as vozes dos animais, que dantes falavam. Todas diferentes, algumas esquisitas... Quem as entendia?

– Ai que sina a minha! Não sei para que lado me voltar – afligia-se o papagaio. – Que voz me calhou em sorte? A do burro? A da cabra? A da galinha? A da serpente? A do homem? Não sei! Não sei! Não sei!

E ainda não sabe. E nunca saberá. Por isso, como não sabe a voz que lhe coube, o papagaio imita, repete, experimenta, arremeda as outras vozes. Calado é que ele não fica.

FIM